

“AMARÁS O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO” (19:1–37)

Em Levítico 19, o Senhor continuou a ensinar ao Seu povo o que deveriam fazer para “serem santos” como Ele (19:2), dizendo: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (19:18). Assim, o Senhor migrou do tema das relações sexuais para o das relações sociais. Para agradarem a Deus, sendo santos, os israelitas tinham de tratar bem seus semelhantes.

O Senhor também abordou outros assuntos, incluindo regras que tinham a ver com rituais e com a proibição da idolatria. Na verdade, tantos tópicos são mencionados que os comentaristas às vezes rotulam essa legislação de “leis diversas” ou “miscelânea de regulamentos”. No entanto, é possível relacionar todos esses “regulamentos diversos” com um tema primordial: “Amar ao próximo como a si mesmo”. Quando um indivíduo ama a Deus e Lhe obedece, ele se torna uma pessoa melhor e um próximo melhor. Por conta disso, é possível relacionar todos os regulamentos aqui analisados com a ideia de amar ao próximo ou fazer o bem ao próximo.

INTRODUÇÃO: O DOADOR DAS LEIS (19:1, 2)

¹Disse o SENHOR a Moisés: ²Fala a toda a congregação dos filhos de Israel e dize-lhes: Santos sereis, porque Eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo.

O capítulo começa, como nas seções anteriores, anunciando a origem ou fonte das leis que serão prescritas.

Versículos 1 e 2. Essas leis não provinham de alguma tradição do Oriente Próximo adotada e adaptada na antiguidade pelos antepassados de Israel, ou mais recentemente por rabinos ou redatores. Foram, sim, apresentadas quando o Senhor

falou a Moisés, o qual recebeu a responsabilidade de entregá-las ao povo de Israel.

A mensagem de Deus para Israel começava, dessa vez, com uma confirmação do propósito que Ele determinara para o Seu povo: Ele queria que fossem santos como Ele é santo (veja 11:44, 45). As leis que se seguem, portanto, visavam ajudar os israelitas a se tornarem a nação santa que Deus os chamou para serem. Deus concluiu a Sua introdução a esse conteúdo legislativo, descrevendo-se como “santo”. Deus é o motivo e o modelo da santidade.

O capítulo pode ser dividido em três partes: guardar todos os mandamentos (19:3–10), amar o próximo (19:11–18) e preservar-se como uma nação diferenciada (19:19–37)¹.

GUARDAR TODOS OS MANDAMENTOS (19:3–10)

³Cada um respeitará a sua mãe e o seu pai e guardará os Meus sábados. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. ⁴Não vos virareis para os ídolos, nem vos fareis deuses de fundição. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

⁵Quando oferecerdes sacrifício pacífico ao

¹Em relação à organização do capítulo 19, R. K. Harrison escreveu: “Embora esta seção trate de uma grande variedade de preceitos morais, legais, cerimoniais e espirituais de uma forma aparentemente desorganizada, de fato esses preceitos estão dispostos em dezesseis parágrafos distintos, cada um terminando com a frase: *Eu sou o Senhor (o Deus)*. Estas passagens estão dispostas em três seções principais (2b–10; 11–18; 19–37) de quatro, quatro e oito unidades, respectivamente” (R. K. Harrison, *Leviticus*, The Tyndale Old Testament Commentaries [Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1980], 195). See Gordon J. Wenham, *The Book of Leviticus*, The New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, pp. 263–64.

SENHOR, oferecê-lo-eis para que sejais aceitos.

⁶No dia em que o oferecerdes e no dia seguinte, se comerá; mas o que sobejar, ao terceiro dia, será queimado. ⁷Se alguma coisa dele for comida ao terceiro dia, é abominação; não será aceita.

⁸Qualquer que o comer levará a sua iniquidade, porquanto profanou coisa santa do SENHOR; por isso, será eliminado do seu povo.

⁹Quando também segares a messe da tua terra, o canto do teu campo não segarás totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua messe.

¹⁰Não rebuscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

Ainda que aborde vários assuntos, o primeiro conjunto de ordenanças enfatiza a necessidade de obedecer a todas as leis dadas por Deus. Cada israelita deveria obedecer a todos os mandamentos de Deus, tanto no relacionamento com Deus, como nos relacionamentos com outras pessoas.

Versículo 3. Deus iniciou a apresentação desses estatutos com duas leis já conhecidas. As exigências de **respeitar a mãe e o pai** e de **guardar os sábados** santos [do Senhor] fazem parte dos Dez Mandamentos (Êxodo 20:8, 12; Deuteronômio 5:12, 16). Estes não são os únicos mandamentos citados aqui; quase todos os Dez Mandamentos são repetidos neste capítulo. Para ser o povo santo de Deus, Israel tinha de ser um povo obediente, sujeito às condições básicas da aliança que Ele fez com Israel (veja Êxodo 19; 20). A autoridade por trás das leis divinas é enfatizada em todo o capítulo através das frases: **Eu sou o Senhor, vosso Deus** e “Eu sou o Senhor” (19:3, 4, 10, 12, 14, 16, 18, 25, 28, 30, 31, 32, 34, 36, 37).

Versículo 4. Mais dois dos Dez Mandamentos são repetidos aqui: **Não vos virareis para os ídolos** equivale a “não terás outros deuses diante de Mim” (Êxodo 20:3), e **[não] vos fareis deuses de fundição** corresponde a “não farás para ti imagem de escultura” (Êxodo 20:4; veja Levítico 26:1). Estas eram as exigências mais básicas da lei de Moisés; somente se Israel adorasse unicamente a Deus é que a nação seria considerada povo da aliança de Deus. De fato, os israelitas foram constantemente tentados a buscar a outros deuses; e sempre que prevaricaram, Deus invariavelmente os puniu.

Versículos 5 a 8. O assunto parece mudar de forma abrupta em 19:5, que contém as instruções do Senhor sobre **sacrifício pacífico**. A lei prescrita neste parágrafo, que repete regras dadas anterior-

mente (3:1; 7:15–18), refere-se aos regulamentos sobre quando e como **comer** a parte do ofertante da oferta pacífica. Para **ser aceita**, a oferta tinha de ser consumida **no mesmo dia em que** fosse oferecida ou **no dia seguinte**. Se sobrasse alguma carne para **o terceiro dia**, esta deveria **ser queimada** (19:6). Comer alguma sobra da carne **ao terceiro dia** deveria ser considerado **abominação** (19:7). Qualquer indivíduo que violasse essa lei, profanando coisa **santa**, **seria eliminado do seu povo** (19:8).

Por que essa lei era necessária? Provavelmente, alguns dos israelitas já tinham mostrado uma tendência a ignorar as instruções anteriormente dadas. Guardar parte da carne e comê-la após o segundo dia demonstrava desrespeito pela lei de Deus e falta de confiança nEle. Era como dizer: “Eu não acredito que Deus me dará provisão no terceiro dia, então vou ignorar a Sua lei e me garantir”.

Além disso, é possível que essa lei remeta ao mandamento de “amar ao próximo”. Ela fazia o povo de Deus se lembrar da necessidade de oferecer ofertas pacíficas. Nessas ofertas, Deus era honrado e Seus sacerdotes eram alimentados; além disso, a família e os amigos do ofertante tinham o privilégio de participar da refeição provida pela oferta. Portanto, essa lei proporcionava a oportunidade de mostrar amor aos outros compartilhando um alimento com eles.

Versículos 9 e 10. Esses versículos instruíam o agricultor israelita a colher suas safras de modo a deixar comida para os pobres. Quando colhesse os cereais, **o canto do [seu] campo não** deveria **segar totalmente, nem as espigas** que caíssem após os ceifeiros terminarem o seu trabalho (veja 23:22). Também não deveria **rebuscar a [sua] vinha**, isto é, vasculhar a vinha para colher todos os bagos deixados após os ceifeiros terminarem o seu trabalho. Essa restrição se aplicava tanto aos bagos que restassem na videira quanto aos **caídos** ao chão. Os restos da colheita do campo e da vinha deveriam ser deixados **ao pobre e ao estrangeiro**². O “pobre” refere-se a qualquer indivíduo que estivesse necessitado. “Estrangeiro” denota um não-israelita que vivia entre o povo de Deus. George A. F. Knight disse: “A passagem não significa que o israelita deveria executar apenas esses dois atos de consideração e bondade. Significa que esses dois atos particulares evidenciavam o que todo israelita deveria estar

²Veja um exemplo do cumprimento dessa lei em Rute 2.

sempre fazendo, em todos os aspectos da vida”³.

Para um agricultor ou empresário, essa lei parece estranha. Na agricultura ou nos negócios, aprende-se cedo a obter o maior retorno possível do que se investiu. Se um agricultor puder colher mais sacas por acre, ele aproveitará essa oportunidade. Nessa lei, no entanto, o Senhor ordenou ao agricultor colher menos do que poderia, a fim de deixar o restante para os pobres. Por que alguém faria tal coisa? Duas razões são dadas no capítulo 19: 1) Deus é o Senhor (e Seu povo deveria amar e obedecer a Ele), e 2) os israelitas deveriam amar seus vizinhos como a si mesmos. Os israelitas deveriam se esforçar ao máximo para cuidar dos pobres.

AMAR O PRÓXIMO (19:11–18)

¹¹Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo; ¹²nem jurareis falso pelo Meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus. Eu sou o SENHOR.

¹³Não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás; a paga do jornaleiro não ficará contigo até pela manhã.

¹⁴Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o SENHOR.

¹⁵Não farás injustiça no juízo, nem favorecendo o pobre, nem comprazendo ao grande; com justiça julgarás o teu próximo.

¹⁶Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo; não atentarás contra a vida do teu próximo. Eu sou o SENHOR.

¹⁷Não aborrecerás teu irmão no teu íntimo; mas repreenderás o teu próximo e, por causa dele, não levarás sobre ti pecado.

¹⁸Não te vingará, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR.

Na segunda seção da legislação contida no capítulo 19, o Senhor se concentrou nas leis concernentes às relações de um israelita com outros seres humanos.

Versículo 11. A atenção do Senhor voltou-se novamente para os Dez Mandamentos que Ele dera no Monte Sinai. Primeiro, Ele lembrou o povo que **não** deveriam **furtar**, nem mentir ou usar de **falsi-**

dade para com o próximo. Essas são confirmações do oitavo e nono mandamentos: “Não furtarás” e “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êxodo 20:15, 16). Essas regras enfatizam as diretrizes negativas (“não”) para se amar o próximo. Se alguém ama o seu próximo, há algumas coisas que ele não fará: não roubará/furtará, nem mentirá àqueles a quem ele ama.

Versículo 12. A seguir, o Senhor repetiu outra lei do Decálogo, proibindo os israelitas a **jurar falso pelo [Seu] nome**. Essa restrição está relacionada com o terceiro mandamento: “Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão” (Êxodo 20:7). Embora este estatuto tornasse a maledicência ilegal, ele visava principalmente impedir que o povo de Deus prestasse juramentos falsos em nome do Senhor⁴. Usar o nome de Deus para mentir era **profanar o nome de Deus**. Era um grande pecado em Israel, uma vez que a lei fora dada pelo próprio Senhor. Obedecer a esse mandamento demonstrava amor: uma pessoa não enganaria intencionalmente um ente querido, proferindo um juramento falso.

Versículo 13. O Senhor disse que o Seu povo **não** deveria **oprimir** o próximo, **roubá-lo**, ou **reter a paga** de um homem contratado **até pela manhã**. Um dos Dez Mandamentos já ensinava que era errado furtar ou roubar, então qualquer pessoa que roubasse seu vizinho violaria esse mandamento. No entanto, essa lei não parece enfatizar o furto comum, como entrar secretamente em uma casa para levar os pertences de outra pessoa. Em vez disso, proibia o uso do próprio poder para “roubar” alguém oprimindo-o. O rico daquele tempo, assim como atualmente, poderia encontrar maneiras legais (porém não éticas) de roubar os pobres. Uma maneira de se fazer isso era ser tardio para pagar o salário de um empregado. Se um empregador rico retivesse o pagamento de um empregado por um dia, o empregado e sua família sofreriam, mas o rico teria mais algumas horas para aproveitar (e, talvez, investir) o dinheiro que ele devia ao pobre. Ao reter o salário do empregado, o empregador estava, de fato, oprimindo-o e roubando-o.

Versículo 14. Ao exigir que o Seu povo **não amaldiçoasse o surdo, nem pusesse tropeço diante do cego**, Deus estava indicando que não deveriam se aproveitar dos deficientes. No entanto, é significativo que essa lei não proibia a violência contra os

³George A. F. Knight, *Leviticus*, The Daily Study Bible. Philadelphia: Westminster Press, 1981, p. 119.

⁴Veja comentário sobre Êxodo 20:7 no comentário de Coy Roper, *A Verdade para Hoje*, “Êxodo.”

deficientes ou que se tirasse dinheiro deles (embora tais atos viessem a ser proibidos por outras leis). A lei visava evitar que não levassem a sério os deficientes. Os israelitas não deveriam tratá-los como se fossem de alguma forma inferiores, menos que humanos, ou bons apenas para divertir os outros. O comentário de Clyde M. Woods é apropriado:

Porque um surdo não podia resistir à injúria que ele não ouvia, nem um cego podia desviar-se de obstáculos que não enxergava, eles poderiam ser vítimas de chacotas cruéis e brincadeiras maliciosas. O povo do Senhor, no entanto, não deveria abusar dos fracos, mas demonstrar uma preocupação positiva com eles por temerem ao Senhor, o qual protege e ajuda os desamparados.⁵

Amar ao próximo exigia demonstrar respeito pelos deficientes e prestar-lhes ajuda.

Versículo 15. O Senhor dirigiu-se, então, à maneira como os israelitas deveriam conduzir um **juízo** ou julgamento. O sistema judicial envolvia julgamentos realizados na porta da cidade. Ali, os homens da cidade sentavam-se para julgar um suspeito de transgressão, uma queixa de um cidadão contra outro ou simplesmente a necessidade de uma decisão de âmbito civil. Qualquer homem israelita poderia ser chamado para emitir um parecer nesses julgamentos. A instrução do Senhor para quem sentasse nesse tipo de juízo era que fosse justo e imparcial.

O favoritismo foi apontado como uma postura errada. O israelita não deveria **favorecer o pobre, nem comprazer o grande**. Deveria ser absolutamente imparcial, tomando sua decisão baseado não em sentimentos ou em preferências e antipatias, mas apenas nos fatos expostos no caso.

Versículo 16. Outro ato errado a ser evitado pelo povo de Deus era a maledicência. O israelita não deveria ser **mexeriqueiro** [ou caluniador] **entre** [o seu] **povo**. “Mexeriqueiro” é uma pessoa que espalha histórias que desabonam os outros, independentemente de serem verdadeiras. É um fofoqueiro ou tagarela que sempre fala mal dos outros. Essa lei diz que todo israelita não deveria ser esse tipo de pessoa. Ela afirma o óbvio: vocês não podem amar os outros e caluniá-los.

A segunda parte do versículo 16 diz: **Não atentarás contra a vida do teu próximo**. Aparentemen-

⁵Clyde M. Woods, *Leviticus—Numbers—Deuteronomy*, The Living Way Commentary on the Old Testament, vol. 2. Shreveport, La.: Lambert Book House, 1974, p. 47.

te, isso significa que todo israelita deveria evitar qualquer ação⁶ (ou omissão) que gerasse a morte injustificada de seu próximo. A NVI traduz: “Não se levantem contra a vida do seu próximo”. Essa lei refere-se aos “que ficam de braços cruzados ou agem com indiferença, sem querer se envolver quando a vida (hebraico: ‘sangue’) do outro está em perigo”⁷. Outra sugestão é que essas palavras significam colocar a vida do outro em perigo tanto por fazer uma acusação falsa, como por não tomar medidas para protegê-lo. A cláusula poderia significar que não se deve tentar lucrar com a morte do próximo⁸. Embora o versículo não diga que não se deve assassinar, ele implica que provocar a morte de outro de qualquer uma dessas maneiras equivale a matá-lo. Consequentemente, este estatuto pode ser igualado ao sexto mandamento: “Não matarás” (Êxodo 20:13).

Versículo 17. Em seguida, o Senhor disse: **Não aborrecerás teu irmão**. Essa instrução confirma que a lei de Moisés não só proibia ações erradas **no teu íntimo**; mas também proibia pensamentos errados. No entanto, abster-se de odiar o vizinho não eliminava a possibilidade de repreendê-lo. O texto orienta a **repreender** [o seu] **próximo**, mas isso deveria ser feito de tal maneira que, **por causa dele, não levasse sobre [si] pecado**.

A situação imaginada parece ser a de um indivíduo cometendo um erro contra outro. Qual seria a reação adequada? Em vez de odiá-lo, o ofendido deveria “repreender” o culpado; porém deveria fazê-lo de maneira a não ser acusado de pecar igualmente. Deveria evitar insultar o seu próximo ou caluniá-lo. Certamente, não deveriam maldizer ou prejudicar o próximo, quer fisicamente, quer financeiramente. Quem fizesse qualquer uma dessas coisas, “levaria sobre si pecado”. A repreensão não era pecado; era uma maneira de mostrar ao malfeitor o que ele fizera de errado e como poderia agir corretamente.

Se a pessoa ofendida agisse dessa maneira, mos-

⁶“Atentar” neste versículo é literalmente “agir contra”. A palavra hebraica para “atentar” é *עמד* (*amad*).

⁷Harrison, pp. 198–99. John H. Hayes sugeriu que essa regra, assim como a anterior, se aplicava a uma situação jurídica e significava que um israelita não deveria ser “ficar em silêncio quando possuísse provas que pudessem afetar a condenação mortal de seu próximo” (v. 16; veja 5:1) (John H. Hayes, “Leviticus”, em *Harper’s Bible Commentary*, ed. James L. Mays. San Francisco: Harper & Row, 1988, p. 173).

⁸Jacob Milgrom, “The Book of Leviticus” em *The Interpreter’s One-Volume Commentary on the Bible*, ed. Charles M. Laymon. Nashville: Abingdon Press, 1971, p. 79.

traria amor pelo ofensor e provavelmente resolveria as diferenças entre as duas partes. Amar o próximo significava evitar odiá-lo no íntimo, mesmo depois de sofrer uma ofensa da parte desse próximo.

Versículo 18. Neste versículo, o parágrafo atinge um clímax. Depois de dizer que um israelita jamais deveria buscar vingança contra **os filhos do [seu] povo** (os israelitas), ele adiciona um mandamento significativo sobre amar o próximo como a si mesmo. Em seguida, conclui citando a fonte, bem como o executor dessa lei: **o Senhor!** Várias expressões usadas neste versículo merecem comentários.

Não te vingará, nem guardarás ira. A lei de Moisés não endossava a vingança mais do que o Novo Testamento. Qualquer que fosse o significado de “olho por olho” com respeito à justiça, não significava que indivíduos debaixo da lei devessem se vingar⁹.

Amarás o teu próximo. Alguns comentaristas sugeriram que “próximo” neste contexto pode referir-se apenas a um compatriota israelita. Ainda que isso se aplique a este versículo, 19:34 prescreve o mesmo mandamento no trato com os estrangeiros, isto é, não-israelitas. Consequentemente, o leitor honesto deve concluir que Deus ordenou a todos os israelitas amar todas as pessoas (israelitas e estrangeiros igualmente) como amavam a si mesmos.

Como a ti mesmo. Esta frase é a chave para entender o amor que Deus queria que os israelitas demonstrassem uns pelos outros. Numerosas leis específicas haviam sido dadas e permaneciam em vigor, para reger as relações interpessoais. No entanto, se não houvesse lei que abordasse um caso específico, estabelecendo o que deveria ser feito em relação a uma pessoa, em determinada situação, o israelita sabia como responder a pergunta: “O que devo fazer?” Ele deveria colocar-se no lugar da outra pessoa e ponderar como ele mesmo gostaria de ser tratado. Amando o próximo, ele faria o que gostaria que lhe fizessem. Simplesmente faria o que Jesus disse quando interpretou esta lei: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mateus 7:12).

Os judeus entenderam a importância desse mandamento; e Jesus também, pois Ele o chamou de segundo maior mandamento (Mateus 22:39; Marcos 12:31). Ele também é o mandamento bási-

co que rege os cristãos em suas relações com o próximo (Romanos 13:8, 9; Gálatas 5:14; Tiago 2:8). O versículo 18, então, conduz a esta conclusão: para um indivíduo amar o próximo como Deus ordena, é preciso tratá-lo como ele gostaria de ser tratado.

PRESERVAR-SE COMO UMA NAÇÃO DIFERENCIADA (19:19–37)

¹⁹Guardarás os Meus estatutos; não permitirás que os teus animais se ajuntem com os de espécie diversa; no teu campo, não semearás semente de duas espécies; nem usarás roupa de dois estofos misturados.

²⁰Se alguém se deitar com uma mulher, se for escrava desposada com outro homem e não for resgatada, nem se lhe houver dado liberdade, então, serão açoitados; não serão mortos, pois não foi libertada. ²¹O homem, como oferta pela sua culpa, trará um carneiro ao SENHOR, à porta da tenda da congregação. ²²Com o carneiro da oferta pela culpa, o sacerdote fará expiação, por ele, perante o SENHOR, pelo pecado que cometeu, e ser-lhe-á perdoado o pecado que cometeu.

²³Quando entrardes na terra e plantardes toda sorte de árvore de comer, ser-vos-á vedado o seu fruto; três anos vos será vedado; dele não se comerá. ²⁴Porém, no quarto ano, todo o seu fruto será santo, será oferta de louvores ao SENHOR. ²⁵No quinto ano, comereis fruto dela para que vos faça aumentar a sua produção. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

²⁶Não comereis coisa alguma com sangue; não agourareis, nem adivinhareis.

²⁷Não cortareis o cabelo em redondo, nem danificareis as extremidades da barba. ²⁸Pelos mortos não ferireis a vossa carne; nem fareis marca nenhuma sobre vós. Eu sou o SENHOR.

²⁹Não contaminarás a tua filha, fazendo-a prostituir-se; para que a terra não se prostitua, nem se encha de maldade. ³⁰Guardareis os meus sábados e reverenciareis o meu santuário. Eu sou o SENHOR.

³¹Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos; não os procureis para serdes contaminados por eles. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

³²Diante das câs te levantarás, e honrarás a presença do ancião, e temerás o teu Deus. Eu sou o SENHOR.

³³Se o estrangeiro peregrinar na vossa ter-

⁹A série de Coy Roper traz um comentário completo sobre a lei de “olho por olho” (*A Verdade para Hoje*, “Êxodo”).

ra, não o oprimireis. ³⁴Como o natural, será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-eis como a vós mesmos, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o SENHOR, vosso Deus.

³⁵Não cometereis injustiça no juízo, nem na vara, nem no peso, nem na medida. ³⁶Balanças justas, pesos justos, efa justo e justo him tereis. Eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito. ³⁷Guardareis todos os Meus estatutos e todos os Meus juízos e os cumprireis. Eu sou o SENHOR.

A terceira e última seção do capítulo inclui regulamentos relativos a vários aspectos da vida. A maioria deles parece refletir o chamado de Deus para Israel ser santo (no sentido de ser distinto, diferente de outros povos), exibindo melhor o amor mútuo.

Versículo 19. O Senhor proibiu a mistura de coisas diferentes, incluindo o cruzamento de dois **animais de espécie diversa**, a sementeira de **duas espécies** de sementes e o uso de **roupa** que contivesse **dois estofos misturados**, ou seja, dois tecidos de materiais diferentes. R. Laird Harris comentou os vários significados possíveis desses mandamentos. Talvez a semeadura de dois tipos de sementes em um campo tornaria difícil a colheita de culturas que amadureciam em tempos diferentes. Confeccionar uma roupa de dois tipos de tecido seria um problema devido ao encolhimento irregular. Cruzar duas espécies de animais, disse ele, pode significar que os israelitas não deviam criar cavalos e jumentos para gerar mulas (embora isso seja improvável) ou que não deviam misturar o seu bom gado egípcio com a espécie inferior de Canaã. Muito provavelmente a passagem indica que jumentos e bois não deveriam puxar um arado ou um carro juntos (veja Deuteronômio 22:9–11)¹⁰.

Independentemente da conotação exata dessas regras, pode-se deduzir que elas eram benéficas para o povo de Israel. Parece também provável que essas regras pretendiam servir de analogia para a situação de Israel entre as nações. Assim como animais, sementes e tecidos diferentes não deveriam ser **misturados**, a santidade de Israel – a condição especial de Israel como povo de Deus – significa-

va que não deveriam se “misturar” com o mundo a ponto de diluírem a sua justiça. O fato de o povo de Israel permanecer separado em sua devoção a Deus era realmente uma expressão de amor para os seus vizinhos: o melhor que poderiam fazer pelos outros era ser “luz para os gentios” (Isaías 42:6); e não poderiam ser luz, a menos que continuassem a ser diferentes dos outros, plenamente dedicados ao Senhor Deus.

Versículos 20 a 22. O foco se volta para o cenário específico de um israelita que se **deita com uma mulher** que é **escrava desposada com outro homem** (19:20a). Em outras palavras, essa lei é sobre um homem ter relações sexuais com uma mulher que não era sua esposa ou sua escrava, mas uma escrava que não fora **resgatada** ou liberta – que pertencia a outro homem. Como o adultério era uma transgressão punida com pena de morte, pode ter sido levantada a seguinte pergunta: “Os dois envolvidos deveriam ser apedrejados?” Embora não exista dúvida de que se tratava de um pecado, o Senhor disse que os dois não deveriam ser **mortos**, porque **ela não** era **libertada**¹¹. O casal que cometeu tal pecado deveria ser **açotado**, embora nenhum detalhe da punição seja dado (19:20b). Para compensar o seu pecado, o homem deveria apresentar uma **oferta pela sua culpa**, que consistia de **um carneiro**, a ser levado até um sacerdote, o qual faria **expição por ele**. Em virtude dessa expiação, ele seria **perdoado** (19:21, 22).

A ideia dessa lei parece ser que, quando um indivíduo cometesse uma transgressão, ele mesmo deveria fazer o que é certo para si e por si. Aparentemente, seria injusto apedrejar um homem que pecou dessa maneira (e ainda mais injusto apedrejar a mulher com quem ele se deitara). Também seria errado ele não pedir perdão por seu pecado, apresentando uma oferta pela culpa. A omissão em fazer o que é certo prejudicaria os pecadores e também a comunidade. Amar o próximo exige que se faça o que é certo depois de se cometer um erro. Cada integrante do povo de Deus estava propenso a pecar, a fazer o que é errado; o importante, para o bem deles e para o bem da sociedade, era que cada pecador se empenhasse em compensar sua falta.

Versículos 23 a 25. A próxima lei diz respeito à vida dos israelitas depois de se estabelecerem em Canaã. O Senhor disse que, ao entrarem na Terra

¹⁰R. Laird Harris, “Leviticus” em *The Expositor’s Bible Commentary*, vol. 2, *Genesis—Numbers*, ed. Frank E. Gaebel. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1990, pp. 606–7.

¹¹Um homem ter relações sexuais com uma escrava não equivalia a adultério (ter sexo com a esposa de outro homem).

Prometida, eles plantariam **toda sorte de árvore de comer**. Durante **três anos**, deveriam deixar essas árvores crescerem e produzirem **o seu fruto**. Não deveriam colher nenhum fruto; isso lhes era **vedado**¹² (19:23). **No quarto ano**, deveriam ofertar a colheita a Deus; **todo fruto** deveria ser considerado **santo**, sendo apresentado como **oferta de louvores ao Senhor** (19:24). Somente **no quinto ano** poderiam eles próprios comer do fruto das árvores que tinham plantado (19:25).

A explicação para esses requisitos provavelmente é que as culturas dos primeiros três anos seriam insignificantes; era uma boa prática agrícola não colher frutos durante esse período¹³. Os israelitas mostrariam então sua dedicação ao Senhor, dando-Lhe a primeira safra real, aquilo que seria produzido no quarto ano. Fazer isso era oferecer as primícias a Deus¹⁴. Após o quarto ano, o povo estava livre para comer das próprias culturas, mas, sem dúvida, deveriam continuar fazendo ofertas de seus pomares ao Senhor. Assim, teriam prosperidade¹⁵.

Dar ao Senhor a colheita do quarto ano demonstrava a santidade de Israel e sua confiança em Deus. Como sobreviveriam dando a primeira boa colheita das árvores a Ele? Criam que, de alguma forma, Deus proveria. Confiar que o Senhor sabia o que era melhor e agir nessa confiança beneficiaria tanto o indivíduo que confiava como o povo como um todo¹⁶.

Versículos 26 a 28. O Senhor, então, se concentrou em várias práticas pagãs, sugerindo que, quan-

¹²A palavra hebraica traduzida por “vedado” (אָרֵל, 'arel) significa literalmente “incircunciso”.

¹³De acordo com um antigo código legal babilônico, demorava cerca de quatro anos para se formar um pomar. (*Código de Hamurabi* 60.)

¹⁴Sobre esta passagem, Warren W. Wiersbe escreveu: “No quarto ano, o fruto estaria mais maduro, já que seria a terceira safra desde o plantio; ele pertencia a Deus. As primícias deveriam sempre ser dEle (Provérbios 3:9–10)” (Warren W. Wiersbe, *Be Holy*. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1994, p. 87).

¹⁵Wenham, p. 271.

¹⁶Sobre este versículo, Wenham escreveu: “A santidade envolve a consagração total da vida e do trabalho de um homem ao serviço de Deus. Isso era simbolizado na doação de um dia da semana e nos dízimos de todos os produtos da terra, e também na dedicação das primícias da agricultura. Esse princípio regia não só as colheitas (Êxodo 23:19; Levítico 23:10; Deuteronômio 26:1ss.), mas também os animais (Êxodo 34:19–20; Deuteronômio 15:19) e até os filhos (Êxodo 13:2; Números 8:16ss.) Ao dedicar as primeiras coisas a Deus, o homem da antiga aliança reconhecia publicamente que tudo o que ele tinha era de Deus, e demonstrava gratidão por suas bênçãos (1 Crônicas 29:14)” (Ibid.).

do os israelitas entrassem em Canaã (19:23), eles seriam tentados a participar de certos rituais idólatras. 1) O povo da terra **comia** carne sem drenar o **sangue**, provavelmente em conexão com sacrifícios oferecidos a seus deuses (19:26a). 2) Praticavam **agouros** e **adivinhações** – métodos pelos quais os pagãos afirmavam saber a vontade dos deuses ou espíritos (19:26b). 3) Cortavam **o cabelo** e a **barba** de certa maneira para demonstrar que eram adoradores de certos deuses ou membros praticantes de um certo culto (19:27). 4) **Feriam a carne**, fazendo incisões no corpo para atrair a atenção dos deuses ou para pedir a ajuda dos **mortos**¹⁷; e mostravam sua religiosidade pagã imprimindo **marcas** sobre o corpo (19:28)¹⁸.

Os israelitas não deveriam se envolver em nenhum desses rituais. Eles já haviam sido instruídos a não comer sangue; as práticas idólatras dos cananeus propiciavam outra razão para obedecerem a esse mandamento. Deveriam pedir orientação somente a Deus; não deveriam se envolver em adivinhações e previsões do futuro (veja 19:31). Além disso, deveriam evitar dar a impressão de que aprovavam ou eram membros de seitas pagãs, evitando estilos de cabelo e de barba e cortes e marcas na pele usados por membros dessas religiões. Em suma, deveriam evitar todos os comportamentos que os identificassem com os praticantes de outras religiões. Eram um povo sagrado, um povo separado; deveriam demonstrar sua santidade evitando as práticas e as aparências das religiões idólatras.

Novamente, ao fazê-lo, demonstrariam seu amor pelos vizinhos. Para abençoar o mundo em que viviam, os israelitas tinham de preservar uma identidade distinta – e preservavam essa identidade recusando-se a aceitar os procedimentos de seus vizinhos pagãos. Poderiam ser uma bênção para os outros apenas por serem diferentes deles. A importância de obedecer a esses requisitos é enfatizada na declaração de Deus: **Eu sou o Senhor**.

Versículo 29. O próximo estatuto também pode

¹⁷“Pelos mortos” parece indicar uma prática pagã relacionada com a busca de orientação ou ajuda ou bem-estar dos mortos.

¹⁸Harrison disse: “O formato dos cabelos nas têmporas e da barba... ou a incisão de marcas na pele faziam parte de práticas pagãs de luto e, como tal, eram proibidos [aos israelitas]. A desfiguração da pele, que provavelmente incluía alguns emblemas das divindades pagãs, desonrava a imagem divina em uma pessoa e foi proibida porque não refletia a santidade de Deus (cf. Deuteronômio 14:1–2)” (Harrison, p. 201).

estar ligado às práticas religiosas cananeias. O Senhor ordenou: **Não contaminarás a tua filha, fazendo-a prostituir-se.** Talvez Ele estivesse se referindo a prostitutas cultuais – prostitutas que serviram nos templos dos deuses pagãos. Essa interpretação se encaixaria no contexto. No entanto, a venda de uma filha em prostituição de qualquer tipo foi condenada nesse versículo.

A razão dada para a proibição é que, se Israel cedesse à tentação de promover a prostituição, a terra se prostituiria e se encheria de maldade. O pecado tende a se espalhar. Se a prostituição fosse promovida por um, poderia ser abraçada por todos. O resultado seria um povo pecador corrompendo a terra que Deus lhes havia dado.

Versículo 30. Na suposição de que esta seção do capítulo trate de como Israel deveria agir quando chegasse à terra de Canaã, 19:30 serve para contrastar com o que foi dito antes e o que será dito a seguir. No lugar de imitar o comportamento do povo de Canaã, o povo de Deus deveria honrar as coisas de Deus: deveriam guardar os Seus sábados e reverenciar o Seu santuário. Os “sábados” no plural sugerem o calendário completo dos sábados semanais, dos dias sagrados, das festas e do ano sabático. A palavra “santuário” denota o tabernáculo aqui, mas se aplicaria ao templo assim que fosse construído. Essas leis indicam que a Terra Prometida não se tornaria um lugar para a devoção a deuses falsos, mas deveria ser sempre um lugar onde o Senhor Deus fosse adorado exclusivamente.

Versículo 31. A proibição final aparentemente associada ao paganismo de Canaã é que Israel não devia recorrer a **necromantes** [“médiums” e “espíritos”; NVI] ou **adivinhos**. Um “necromante” era alguém que serviu como mediador entre uma pessoa que havia morrido e alguém que ainda estava vivo. Um “adivinho” trazia mensagens do mundo espiritual para os que estavam neste mundo.

A lei do versículo 4 proibia a adoração ou a fabricação de ídolos. O versículo 26 contém proibições contra “agouro” e “adivinhação”, formas de tentar prever o futuro ou responder perguntas por meios pagãos. Os versículos 27 e 28 proíbem a adoção de práticas pagãs. Finalmente, o versículo 31 diz que o povo não deve consultar o equivalente a profetas pagãos em busca de orientação. O Senhor deixou claro que Israel não deveria seguir a direção dos líderes religiosos pagãos. Deuteronômio 18:9–14 ensina o mesmo princípio e acrescenta que Israel, em vez de ser guiado por líderes religiosos pagãos,

deveria seguir os profetas de Deus (Deuteronômio 18:18, 19).

Recusar-se a seguir a orientação dos praticantes pagãos, optando por ouvir as orientações de Deus, tornaria Israel um povo melhor e sua terra, um lugar melhor para todos, incluindo os não-israelitas que ali residissem. Obedecer a essa lei, em outras palavras, seria uma maneira de obedecer ao mandamento de “amar ao próximo”.

Versículo 32. Nos derradeiros versículos do capítulo, o Senhor prescreveu mandamentos relacionados a pessoas que poderiam ser facilmente exploradas por outros. Primeiro, Ele ordenou que todo israelita se levantasse **diantes das câs**, ou seja, dos cabelos grisalhos e que os **honrasse**. Essa lei, obviamente, está contida na exigência de se “respeitar mãe e pai” (19:3), mas acrescenta outra dimensão à ordenança. O israelita deveria respeitar não só a própria mãe e pai, mas também todos os demais pais. Todas as pessoas idosas deveriam ser respeitadas e honradas.

Por que era necessário prescrever esse mandamento? Os idosos muitas vezes são indefesos; não conseguem se proteger de predadores mais jovens. Esse mandamento tinha como objetivo proteger os indefesos, bem como animá-los, reconhecendo seu valor. Os idosos estavam entre os “próximos” a quem os israelitas deveriam amar.

Versículos 33 e 34. Um segundo grupo de vítimas potenciais de maus tratos era o dos **estrangeiros**, não-israelitas que viviam entre o povo de Deus. Por definição, os estrangeiros não possuíam terra. Não tinham família, clã ou tribo que os protegesse e cuidasse deles quando precisassem. Eram, portanto, fáceis de serem explorados e maltratados. Um israelita poderia pensar: “Por que não tirar proveito desse estrangeiro? Ele não faz parte do povo de Deus. Está aqui só por causa da nossa misericórdia porque permitimos que ele vivesse aqui. As pessoas que não pertencem à nossa gente sempre são ávidas por tirar vantagem de nós; por que não fazer o mesmo com elas?”

Deus ordenou que os israelitas **não oprimissem** esses estrangeiros. Ele acrescentou que um israelita não deveria fazer acepção entre um estrangeiro e outro israelita. Assim como deveria amar seu compatriota como a si mesmo, também deveria amar o estrangeiro como a si mesmo. Essa lei ia muito além do mandamento dado no início deste contexto. Além de se recusar a oprimir um estrangeiro, todo israelita também deveria tomar as atitudes positivas

que estivessem ao seu alcance para abençoar os estrangeiros entre eles. Isso é o que se espera de quem ama o próximo como a si mesmo. Este mandamento não só protegia os estrangeiros indefensos de serem maltratados por Israel, como também incentivava o povo de Deus a cuidar desses não-israelitas assim como cuidava de seus amigos e familiares!

A razão pela qual Deus ordenou que tratassem bem os estrangeiros é que os próprios israelitas foram estrangeiros – **estrangeiros na terra do Egito**. Essa experiência deveria ter-lhes ensinado a serem solidários com os estrangeiros e prontos para obedecer ao mandamento de tratá-los como desejavam ser tratados. Israel precisava aprender que o amor ao próximo não deveria se limitar aos próprios compatriotas; amar o próximo também significava amar os estrangeiros entre eles.

Versículos 35 e 36. Na terceira categoria de vítimas potenciais estavam os envolvidos em transações comerciais, em comprar e vender no mercado. Um comprador podia ser enganado por um comerciante esperto e desonesto, cujas principais ferramentas eram pesos ou balanças adulteradas. Ao comprar uma mercadoria de um fornecedor, esse comerciante usava um peso que era muito pesado para equilibrar a balança ou uma medida de volume demasiadamente grande; assim, ele obtinha mais mercadorias com o seu dinheiro do que era justo. Quando vendia um produto a um cliente inocente, usava um peso leve ou uma medida de volume menor para que o cliente, por exemplo, pagasse dois quilos, quando, na realidade, estava levando somente um quilo e meio. Uma vez que a pessoa que lidava com esse comerciante desonesto dependia das balanças e pesos do comerciante, não tinha como se proteger de ser trapaceado.

Essa lei tornava ilegal a qualquer indivíduo fazer uma transação comercial com valores adulterados, **no peso** ou **na medida**. A ordem era que ele usasse **balanças justas, pesos justos** e “medidas” honestas – **efa justo** (aproximadamente vinte e três litros) e **justo him** (aproximadamente seis litros).

A razão dada aos negociantes de Israel para serem honestos era que **o Senhor** era o **Deus** deles, e o Senhor os havia tirado do **Egito**. Deus usou de graça para com eles, então deveriam obedecer aos Seus mandamentos – e Seus mandamentos exigiam que fossem absolutamente honestos e justos em seus negócios. Agindo assim, mostrariam amor por

seus semelhantes.

Versículo 37. Este conjunto de leis termina com uma declaração sucinta, enfatizando que cada mandamento dado neste capítulo (e em outros trechos) deveria ser obedecido. O próprio Deus disse que Israel deveria guardar **todos** os Seus **estatutos** e **todos** os Seus **juízos**. Dois fatores são enfatizados: *todas* as leis de Deus (e não apenas algumas delas) deveriam ser *obedecidas* (não apenas acreditadas). Se os israelitas se dedicassem a obedecer a todos os mandamentos de Deus, Ele Se agradaria. Só então escapariam do castigo. Essa conclusão foi garantida por um fato de suma importância: o Deus que prescrevera essas leis disse: “Eu sou o Senhor”! Sendo Ele o Senhor, seria insensato opor-se a Ele ou ignorá-LO.

CARACTERÍSTICAS DAS LEIS DO CAPÍTULO 19

Várias características das leis encontradas no capítulo 19 são dignas de nota:

1. Mostravam grande preocupação com os impotentes e marginalizados – os pobres, os estrangeiros, os deficientes e os idosos (veja 25:35–55).
2. Afetaram praticamente todos os aspectos da vida: agricultura, compra e venda, relações comerciais, relacionamentos familiares, sistema judicial, moral e a adoração.
3. Regiam pensamentos e ações.
4. Apontavam para o que os israelitas deveriam fazer em circunstâncias similares¹⁹.
5. Enfatizaram tanto a necessidade de adorar e servir exclusivamente ao Senhor, como a necessidade de amar o próximo.
6. Ofereciam várias razões para serem obedecidas, incluindo o que Deus havia feito anteriormente por Israel (libertando-o do Egito) e o fato de que a obediência levaria à prosperidade. O principal motivo repetidamente afirmado é que Deus é o Senhor. Ele tinha o direito de declarar unilateralmente o que Israel deveria fazer; e certamente aplicaria as leis que Ele mesmo tinha prescrito!

¹⁹Por exemplo, as leis prescritas em 19:9 e 10 (não colher as extremidades dos campos e não rebuscar as vinhas) demonstravam como expressar a preocupação com o pobre e o necessitado.